

**Criatividade e desenvolvimento do pensamento criativo nos estudos de Torrance,
Ostower e Majmutov**
**Creativity and development of the creative thought in the studies of Torrance, Ostower
and Majmutov**

Josefa da Conceição Silva

Universidade Federal de Roraima/Universidade Estadual de Roraima

E-mail: conceicao.silva@ufr.br

Hector José Garcia Mendoza

Universidade Federal de Roraima/Universidade Estadual de Roraima

E-mail: hector.mendoza@live.com

Adriana Regina da Rocha Chirone

Universidade Federal de Roraima/Universidade Estadual de Roraima

E-mail: a_chirone@hotmail.com

Ana Acácia Araújo de Souza Eda

Universidade Estadual de Roraima

E-mail: cacinha1@yahoo.com.br

Recebido: 21/06/2016– Aceito: 05/07/2016

Resumo

O presente artigo refere-se a um estudo exploratório de revisão bibliográfica que teve como objetivo identificar diferentes acepções sobre os conceitos de criatividade e pensamento criativo, englobando o pensamento de alguns autores que se destacam nessa área de estudo, nomeadamente Ellis Paul Torrance (1976), Fayga Ostower (2013) e M. I. Majmutov (1983). Dentre as citadas abordagens encontramos algumas similaridades e outras diferenças, tendo em vista a posição e a área de estudo de cada um deles. Os estudos de Torrance abordam a criatividade do ponto de vista dos instrumentos, das medidas, dos testes e das avaliações, enfatizando, aspectos relativos às características e à potencialização do pensamento criativo nos indivíduos. A abordagem de Ostower busca identificar a relação entre os conceitos de criatividade e processos criativos em sua relação com a experiência vital dos indivíduos. Os estudos de Majmutov apresentam a criatividade como o ponto mais alto do desenvolvimento

cognitivo do indivíduo, destacando o processo de ensino problematizador como um fator primordial no desenvolvimento desse tipo de pensamento.

Palavras-chave: Criatividade; Processos Criativos; Instrumentos de Medida; Pensamento criativo; Ensino Problematizador.

Abstract

The present article refers to a exploratory study of bibliographical revision that had as objective identifies different meanings about the concepts of creativity and creative processes, including the thought of some authors that stand out in that study area, especially Ellis Paul Torrance (1976), Fayga Ostower (2013) e M. I. Majmutov (1983). Among mentioned them approaches found some similarities and other differences, tends in view the position and the study area of each one of them. Torrance, for example, approach the creativity of the point of view of the instruments, of the measures, of the tests and of the evaluations. Both emphasize relative aspects to the potentiating or inhibition in the individuals. The approach of Ostower looking for to identify the relationship among the creativity concept and the creative processes with the individual's experience life. Majmutov presents the creativity about the highest point of the individual's cognitive development, detaching the process of problematizer teaching as a primordial factor in the development of that thought level.

Keywords: Creativity; Creative processes; Instruments of Measure; Creative Thinking; Problematizer Teaching.

1. Introdução

O termo criatividade, apesar de ser bastante utilizado no senso comum, é um conceito pouco explorado na área científica. Muitos autores (Shumilin,1969; Shaw;Simon,1965 Majmutov, 1983); (Lowenfeld; Brittain, 1970; apud Torrance, 1976); (Pichón-Rivière, 1999; Alencar, 2010), têm se debruçado e despendido seus esforços para compreender o que é e como se desenvolve a criatividade.

Dependendo do contexto, esse termo é utilizado com diferentes significados, desde o mais simples ao mais complexo, sendo utilizado na área do marketing empresarial como uma ferramenta poderosa de desenvolvimento de produtos e processos organizacionais.

Na arte, seu significado atinge ainda maior polissemia, tendo as mais diferentes definições. Na Psicologia, seu estudo se dirige a compreender de que forma se dá o

desenvolvimento do pensamento criativo; na Pedagogia, a preocupação em torno de termo decorre da questão: como se pode organizar o ambiente e as atividades escolares de forma que se orientem na direção do desenvolvimento do pensamento criativo?

Permeados por esses pensamentos, estudiosos Shumilin,1969; Shaw;Simon,1965; (apud Majmutov, 1983);Torrance, 1976; Pichón-Rivière, 1999; Alencar, 2010; Ostower, 2013 passaram a empenhar parte do seu tempo e esforço em desvendar o emaranhado de significados que envolvem o termo criatividade, buscando a elaboração de um conceito que pudesse dar conta da diversidade, mas também da especificidade do termo em cada domínio proposto.

2. Procedimentos metodológicos

O estudo constou de uma revisão bibliográfica de caráter exploratório entre os principais autores que estudam ou estudaram sobre a criatividade e o pensamento criativo, destacando-se três autores, de três áreas diferentes da ciência: um psicólogo, uma artista plástica e um pedagogo, os quais estudaram a criatividade e os processos criativos a partir de suas áreas de conhecimento, buscando demonstrar a importância da criatividade para o desenvolvimento integral do ser e para o desenvolvimento do conhecimento científico em qualquer que seja a área.

Os demais autores deram suporte ao estudo em questão, porém de forma secundária e indireta, constando como referências importantes a serem consultadas.

3. Similaridades e Divergências sobre os conceitos de Criatividade e Pensamento Criativo

Dentre os textos estudados, nomeadamente os de Ellis Paul Torrance (1976), Faiga Ostower (2013) e M. I. Majmutov (1983), os quais são oriundos de diferentes áreas do conhecimento, cabe-nos destacar que na área da psicologia é que parece se concentrar a maior parte dos esforços, envolvendo uma série de autores preocupados em compreender de que forma se desenvolve o pensamento criativo; quais as suas especificidades; quais as influências causadas pelo contexto sociocultural do indivíduo; quais as influências hereditárias ou genéticas no desenvolvimento dessa categoria de pensamento. No entanto, estudos realizados por pesquisadores de outras áreas da ciência (Shumilin,1969; Shaw;Simon,1965, apud Majmutov, 1983); (Lowenfeld; Brittain, 1970, apud Torrance, 1976) também procuram

abordar o conceito de criatividade, especialmente no sentido de identificar o desenvolvimento dos processos criativos em sua área de conhecimento.

4. Criatividade e processos criativos em Ostower

Em uma abordagem bastante abrangente, Fayga Ostrower (2013), em seu livro “Criatividade e processos criativos” desenvolve uma discussão em torno do termo criatividade estabelecendo suas raízes em dois polos que se confrontam. Se, por um lado, a criatividade pode ser entendida como um potencial inerente ao ser humano, que se realiza através da necessidade de solucionar problemas que se apresentam no meio, sua realização, no entanto, se dá em maior ou menor grau dependendo da liberdade de ação, da amplitude emocional e intelectual permitida pelo contexto cultural do indivíduo.

Nesse sentido, esse conceito se desenvolve em dois níveis de existência, o individual e o cultural, envolvido em um processo global de desenvolvimento que engloba valores culturais que moldam os próprios valores da vida.

Criar significa dar forma a alguma coisa, e se estrutura a partir de princípios de ordem e configuração, que são atuações de ordem simbólica, cultural, os quais asseguram ao indivíduo a realização genuína de sua essência, comunicação e realização, aspectos expressivos de um desenvolvimento interno que se exterioriza através das formas criadas, dos processos desenvolvidos, dos conhecimentos construídos e compartilhados nos grupos sociais.

Criação significa percepção consciente daquilo que o pensamento é capaz; é potencialidade canalizada em direção a um objetivo, impulsionada pela necessidade de conhecer, de ser e de fazer, de relacionar, de formar. “Nas perguntas que faz ou nas soluções que encontra, ao agir, ao imaginar, ao sonhar, sempre o homem relaciona e forma” (OSTROWER, 2013, p. 09). Formas entre as quais nos movemos e através das quais as coisas se configuram para nós. Não se tratam de percepções gratuitas, nem estabelecidas ao acaso, tratam-se de formas que se estabelecem através de nós mesmos e das quais somos o “ponto focal de referência”. Formas que se configuram a partir de nossas expectativas, nossos medos, nossos desejos, “de acordo com uma atitude do nosso ser mais íntimo; uma ordenação interior sempre em busca de significados” (p. 10).

Embora utilizando de processos racionais, a criação é essencialmente intuitiva, cuja consciência se expressa e se desenvolve, à medida que lhe damos uma forma. Dito de outra maneira, a consciência vai se formando no exercício de si mesma, nunca é definitiva, nunca é

acabada.

Em um processo dialético, buscando sobreviver, o homem transforma a natureza e percebendo-se nessa transformação, transforma-se a si mesmo. Essa percepção consciente é o que se afigura como premissa básica da criação, pois além de resolver criativamente problemas de situações imediatas, ele é capaz de antecipá-las mentalmente.

Outra característica que se soma à anterior e que Ostower (2013) considera como inerente ao ato criador é a intencionalidade. Esta característica é entendida por ela como a “mobilização latente seletiva” da capacidade de antever não somente soluções, mas os próprios problemas e preparar-se para solucioná-los. Em suma, são os modos pelos quais a ação mental dirige o agir físico. De acordo com a autora, “o ato criador não existe fora da intencionalidade” (OSTOWER, 2013, p.11). Os comportamentos criativos do homem se dão precisamente na intersecção da ação consciente com a percepção sensível e as possibilidades do contexto cultural do indivíduo.

Em se tratando dessa intersecção, a autora supracitada sublinha que “embora a consciência e a sensibilidade façam parte do aparato biológico do homem, o qual o acessa através de uma herança genética da espécie, a realização de sua potencialidade se dá no contexto cultural, que lhe é transmitido historicamente” (op cit, loc cit).

Nesse contexto, a sensibilidade pode ser entendida como a porta de entrada das sensações, uma abertura constante para as coisas que acontecem no mundo ao nosso redor e ao próprio ser no mundo. Não obstante tenha sido entendida, durante muito tempo, como algo específico da criação artística, a sensibilidade não pode ser atribuída como patrimônio peculiar dos artistas, mas sim compreendida como um patrimônio de todos os seres humanos, cuja existência é condição sine qua non da própria existência humana. Sua mobilização se dá através da percepção, a qual age como “elaboração mental das sensações” em uma “ordenação seletiva dos estímulos”, abrangendo nosso ser intelectual numa “articulação entre o ser e o não ser” (OSTOWER, 2013, p.12).

Por último, mas não menos importante nesse jogo, destaca-se a cultura, o ser cultural, cuja existência se constrói historicamente situado. Ela é entendida pela autora supracitada como o conjunto de “formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem atuam, se comunicam e transmitem de forma simbólica seu modo de viver e de pensar às gerações posteriores” (OSTOWER, 2013, p. 13).

Nesse sentido, pode-se entender que ao se vincular o ser consciente a um fazer intencional e cultural, a sensibilidade se transforma. Indo em busca de conteúdos significativos, torna-se faculdade criadora, cujo princípio configurador seletivo é a integração

entre as potencialidades do indivíduo e as potencialidades do contexto cultural. Como fenômeno social, se converte em criatividade ao ligar-se a uma atividade social significativa para o indivíduo, num enfoque simultâneo entre o consciente, o cultural e o sensível. (OSTOWER, 2013).

No processo criativo, a memória assume um papel muito importante, agindo como um guia que aceita ou rejeita as opções ou sugestões contidas no ambiente, onde erros e fracassos podem se configurar em opções verdadeiras ou mesmo produtivas e criativas em situações posteriores. Nesse sentido, a memória assume o papel de instrumental que é capaz de integrar experiências já feitas com novas experiências que se pretende fazer, configurando-se em um “espaço vivencial” que permite uma ampliação do espaço físico natural e permite ao indivíduo realizar explorações daquilo que está além dos próprios sentidos (OSTOWER, 2013).

A criação desse espaço vivencial se dá através de um processo de ativação seletiva de certos conteúdos, cuja ordem afetiva permite uma retenção de dados interligados e cujos conteúdos que tem importância vivencial para o indivíduo. Nesse sentido, a memória atua com conteúdos sempre novos, redelineados através de novas cargas vivenciais, interligações, e configurações, sempre aberta a novas associações.

Tais associações não são simplesmente factuais, estão sempre ligadas à vida vivida. São inconscientes, pré-conscientes. Se organizam através de correspondências, conjecturas, ressonâncias íntimas, espontâneas, em uma velocidade tão extraordinária que fogem ao controle do próprio indivíduo. Tais combinações, contudo, representam uma interligação de ideias e sentimentos, de ordem pessoal, porém coerente com um padrão de comportamento do indivíduo face às ocorrências que o envolvem em seu contexto cultural.

Esse espaço vivencial criado pela memória, permeado das configurações e representações pessoais do indivíduo, é chamado pela autora de “mundo da fantasia” - não de devaneios – enfatiza ela; da imaginação. Um mundo experimental, de um pensar e agir por hipóteses. Onde o indivíduo é capaz de “perfazer uma série de atuações, associações e manipulação de objetos e eventos”. Um mundo “povoado por expectativas, aspirações, desejos, medos e por toda sorte de sentimentos e prioridades” (OSTOWER, 2013, p. 20).

5. Torrance e o Pensamento Criativo

Outro autor que tem grande representatividade no campo de estudo da criatividade é Torrance. Em um dos seus mais eminentes estudos sobre a criatividade (1976), destaca o

pensamento criativo como uma característica muito importante na identificação das pessoas plenamente ativas. Para ele, não é possível “dizer que alguém está funcionando mentalmente de maneira plena, se as capacidades envolvidas em pensamento criativo permanecem não desenvolvidas ou são paralisadas” (p.21).

Nesse sentido, tomar consciência de problemas, identificar possíveis maneiras de solucioná-los e submetê-las à prova, seriam as principais características de uma mente plenamente desenvolvida. A ausência dessas características representa, para o autor, que a capacidade do indivíduo de resolver problemas da vida, está sendo relegada a um plano secundário ou mesmo marginal.

Ao tratar sobre a natureza do pensamento criativo, Torrance apresenta uma série de definições que poderiam oferecer uma visão mais clara dos elementos envolvidos no processo criativo. Para tanto, define essa categoria de pensamento como sendo aquele capaz de: a) “perceber lacunas ou elementos faltantes perturbadores”; b) “formar ideias ou hipóteses a respeito deles”; c) “testar essas hipóteses”; e, d) “comunicar os resultados, possivelmente modificando e retestando as hipóteses” (p. 34).

Corroborando com o pensamento de Bartlett (1959) Torrance caracteriza esse tipo de pensamento como “aventuroso”, aquele capaz de afastar-se da forma coloquial de resolução de problemas, abrindo-se a novas experiências, permitindo novas relações entre os elementos, em outras palavras “a iniciativa que alguém manifesta por seu poder de desviar-se da sequência habitual de pensamento para outro padrão de pensamento completamente diferente”.

Nesse sentido, a fim de identificar e compreender a natureza das capacidades envolvidas no processo criativo, o autor apresenta uma sequência de passos observados por vários analistas do assunto, a partir de seus estudos: preparação, incubação, iluminação e revisão.

O primeiro passo diz respeito à exploração das necessidades ou deficiências (falhas) no problema e seu esclarecimento e “fixação”. Tal atitude é acompanhada de leitura, discussão, exploração e formulação de possíveis respostas; em seguida a análise crítica das vantagens e desvantagens dessas soluções, o que resulta em um “lampejo”, uma “iluminação”, em outras palavras, “o nascimento de uma ideia nova”. Por fim, segue-se a experimentação para seleção final da solução mais promissora e “aperfeiçoamento da ideia” (p. 35).

Outro ponto defendido por Torrance (1976) em seus estudos sobre a criatividade, diz respeito à relação, identificada em estudos empíricos realizados por uma série de

pesquisadores (Hargreaves, 1927; Guilford, Christensen, Frick e Merrifield, 1957, apud Torrance, 1976), entre a presença do pensamento altamente criativo e certos traços de personalidade. Utilizando tais estudos como fundamento, o autor elaborou uma lista contendo 84 características apresentadas pelas pessoas altamente criativas. Dentre essas características, podemos citar: consciência do outro, altruísmo, espírito “aventuroso”, perplexidade diante das coisas, crítica construtiva, coragem, atração pelo mistério e pela desordem, descobridora de defeitos, curiosidade, independência de pensamento e julgamento, persistência, preferência por ideias complexas, sensibilidade a estímulos externos e ideias alheias, consciência de si, autoconfiança, obstinação, meticulosidade, versatilidade, disposição para correr riscos”, entre outras (p.85-86).

De acordo com Torrance, a principal característica identificada na pessoa altamente criativa é a “capacidade de tolerar a tensão de fortes valores opostos e promover a integração, síntese e reconciliação deles” (p.87). Em outras palavras, significa que, se, para a maioria das pessoas, os valores teóricos e estéticos são diametralmente opostos, para a pessoa altamente criativa não existe conflito entre eles. Sua capacidade de reconciliação de unidades contrárias em forma de síntese lhe permite perceber os objetos e as situações para além de tais elementos.

Além dessas características, estudos realizados por Stern (1958), citados por Torrance (1976), apresentam contagens significativamente altas em escalas referentes à capacidade de realização, de trabalho conjunto, energia, capacidade de reflexão e compreensão, nos indivíduos identificados como altamente criativos. Em termos gerais, tais estudos apontam, segundo Torrance, para “uma pessoa que encontra prazer em intenso, constante e vigoroso esforço para vencer obstáculos, [...] que tem necessidade de provar seu valor pessoal e dramatizar e apresentar suas ideias”; “um indivíduo plenamente sensível e aberto à percepção de suas próprias experiências e daquelas de outros e que procura organizá-las e ver a significação delas” (p. 89).

Apesar de todas essas características positivas, ou mesmo por causa delas, o indivíduo criativo enfrenta, segundo os estudos de Asch (1955), uma série de problemas na manifestação ou manutenção de sua criatividade. O primeiro deles é a de ser “a minoria de um” na criação de uma ideia nova. Como criatividade está diretamente ligada à independência intelectual, à “não conformidade com pressões de grupo ou “fuga” de um molde, muitas vezes, a pessoa altamente criativa precisa reprimir sua criatividade ou aprender a conviver com as tensões resultantes dessa condição de ser “minoria de um” (p. 123).

6. Majmutov e o desenvolvimento do pensamento criativo

O que é a criatividade? Quais as suas características fundamentais? Que qualidades caracterizam uma personalidade criadora? São questões também colocadas por Majmutov (1983) no desenvolvimento de seus estudos.

A criatividade é “um tipo de atividade humana complexa”, defende Majmutov, parafraseando o pensamento de alguns cientistas (Shumilin,1969; Shaw;Simon,1965, apud Majmutov, 1983), “encaminhada à criação de novos valores materiais e espirituais”. Em primeiro lugar, compreende um processo de transformação dos fenômenos, das coisas, dos processos da realidade ou suas imagens de maneira visual, sensorial ou mental; em segundo, caracteriza-se pela originalidade e novidade. “É a antípoda da imitação, da cópia, da atividade por padrão, por um modelo preparado, por uma regra, por um algoritmo” (MAJMUTOV, 1983, p.23). Em terceiro lugar, é a disposição e a capacidade para uma atividade intelectual independente; um processo cuja essência pressupõe uma motivação consciente das ações e das fundamentações; a não propensão a influências e conselhos alheios; não arbitrária, mas uma verdadeira manifestação da vontade, já que o próprio indivíduo analisa as fundamentações objetivas e as motivações para atuar de uma ou outra maneira.

Tal disposição é entendida, em Majmutov, como independência cognoscitiva, como a existência de uma capacidade intelectual no estudante para o desenvolvimento de habilidades de dividir as características essenciais e secundárias dos objetos, fenômenos e processos e, mediante a abstração e generalização, revelar a essência dos conceitos novos.

Esta capacidade apresenta como indicadores, segundo este autor, a habilidade de alcançar, de forma independente, novas fontes de conhecimento e de empregá-los em sua atividade prática para resolver qualquer tipo de problemas. Aliado a isto, pressupõe a existência de uma necessidade cognitiva e interesse pelos conhecimentos e a presença de motivação para a aprendizagem.

Partindo desse princípio, podemos identificar algumas vias necessárias para o desenvolvimento desse potencial criativo e independente nos estudantes.

A primeira delas é a atividade cognitiva independente e sistemática como condição indispensável para o elevado desenvolvimento da capacidade de generalização. Dito em outras palavras, o ensino só pode se constituir como meio para o desenvolvimento das capacidades criativas do estudante, se se prestar bastante atenção na formação de suas capacidades de generalização. Outra via indispensável para a efetivação do ensino problematizador é uma atitude docente orientada pelo princípio da unidade do processo

objetivamente orientado por uma concepção científica do mundo (MAJMUTOV, 1983).

Nesse sentido, a criação bem orientada de variadas situações problemas se constitui em um meio eficaz para que se assegurem as condições mais favoráveis à manifestação dos diferentes níveis de criatividade nos estudantes. É importante ressaltar que o pensamento criativo se baseia sempre em um determinado volume de conhecimentos e atividades reprodutivas, que, somando-se à preparação técnica e a formação de hábitos de atividade investigativa, cumpre papel determinante na formação da personalidade crítica e criativa dos estudantes. Para Majmutov, o professor que trabalha criativamente trabalha sempre baseado em leis objetivas quanto intuitivas; leis que a própria ciência ainda não descobriu. Parte-se do pressuposto de que a ciência, qualquer que seja ela, natural ou histórica, está sempre baseada em dados e fatos, que, a partir de um esforço de descoberta, busca encontrar as concatenações entre eles e, quando possível, demonstrá-las sobre a experiência. (MAJMUTOV, 1983).

Entende-se que a estruturação experimental do processo de ensino, com base no ensino problematizador, deve basear-se nos seguintes princípios metodológicos: consideração das regularidades externas e internas do conhecimento e do processo de ensino e aprendizagem; intensificação das relações do ensino com a vida; mudanças na estrutura tradicional da aula; incremento do papel dos trabalhos independentes dos estudantes nas aulas; emprego de tarefas cognitivas combinadas com a exposição do material docente que faz o professor; intensificação da individualização do ensino; realização do princípio da previsão pedagógica; modificação do ritmo da aula (MAJMUTOV, 1983).

Tais princípios consideram que os processos de ensino e aprendizagem se engendram através de uma máxima tensão de forças físicas e intelectuais, levando a cabo um movimento progressivo de desenvolvimento dos estudantes. Esse processo é permeado por uma tensão que se instaura por meio da contradição, a qual acontece quando os estudantes se deparam com as dificuldades de compreender e interpretar os conhecimentos novos (fatos e conceitos), caracterizada por uma situação problemática. Significa dizer que os conhecimentos já elaborados pelos estudantes não são suficientes para solucionar uma determinada tarefa. A partir de então passa a ser ativado o processo de resolução criativa de problemas onde o estudante precisa reformular tanto seus conhecimentos anteriores, como seus procedimentos de busca de novos conhecimentos necessários à solução da situação problemática.

Majmutov (1983), ao identificar a maneira e as condições em que se desenvolve o pensamento ativo e criativo, defende que esse tipo de pensamento nasce a partir de uma

situação problemática e se dirige a sua solução. Nesse sentido, os processos de pensamento e seus resultados estão inter-relacionados, onde estes, em forma de conceitos e conhecimentos, são incluídos naqueles, enriquecendo-os e impulsionando-os em seu curso posterior.

Entende-se, assim, que o pensamento criativo guarda certos aspectos de pensamento reprodutivo, caracterizando-se por um nível de desenvolvimento intelectual superior a este.

Para que possamos entender como os dois níveis de pensamento se relacionam, podemos pensar na seguinte estrutura conceitual:

Figura 01 – Fontes e Dimensões do Pensamento Criativo e do Pensamento Reprodutivo.



Fonte: Elaboração dos pesquisadores.

O pensamento reprodutivo é considerado como um nível elementar de pensamento e tem como característica o raciocínio algorítmico, baseado em operações lógicas, a partir de procedimentos e condutas já elaborados. Guarda uma íntima dependência dos conhecimentos armazenados na memória e baseia-se, sobretudo em impressões adquiridas com anteriores. Constitui-se em uma forma de pensamento ativo, porém não independente.

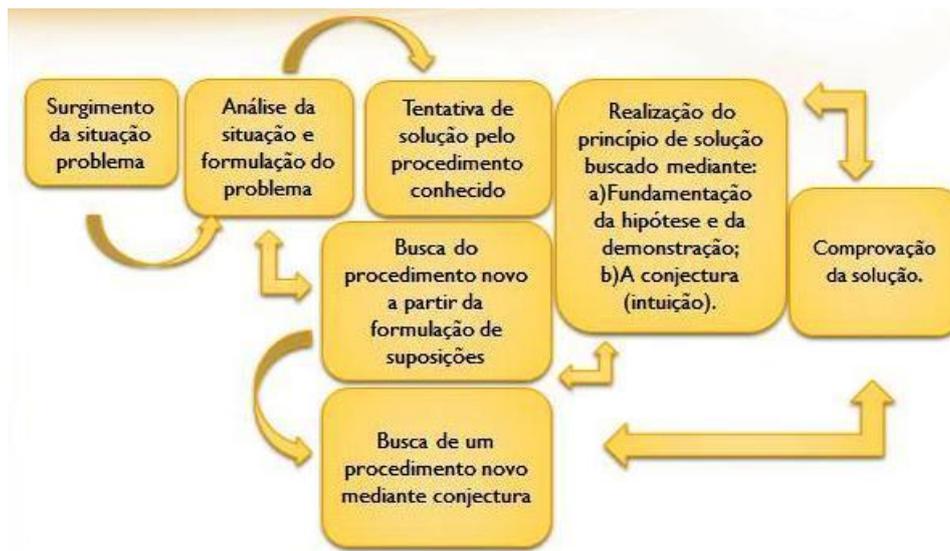
Já o pensamento criativo é considerado o nível mais elevado do desenvolvimento cognitivo de um indivíduo e se constitui a partir de operações heurísticas, intuitivas, que estão

¹ A situação problemática ocorre justamente quando o estudante é confrontado com uma tarefa para a qual seus conhecimentos não são suficientes para resolvê-la. Nesse sentido, cria-se a necessidade de reformulação desses conhecimentos e também da criação de novos procedimentos de busca dos novos conhecimentos necessários à resolução da situação.

sempre voltadas à criação de algo novo. Manifesta-se, essencialmente, quando da insuficiência dos conhecimentos e procedimentos presentes na memória, e se conduz, essencialmente, à solução de tarefas complexas não-típicas, à reflexão a respeito de algo ainda não resolvido. Caracteriza-se como um pensamento ativo e independente.

Esse processo de assimilação criadora de conhecimentos, segundo Majmutov (1983), ocorre a partir de uma série de ações mentais, encaminhadas à formulação e resolução de uma situação problemática. Tais etapas podem ser visualizadas no esquema de ações a seguir:

Figura 02 – Etapas e níveis da assimilação problemática em Majmutov.



Fonte: Elaboração dos pesquisadores.

O surgimento da situação problemática, conforme apresentado na figura 02, ocorre quando o sujeito realiza uma ação que não se adequa às condições de realização, cujos procedimentos e conhecimentos presentes na memória não são suficientes para sua resolução. Nesse sentido, faz-se necessária uma transformação substancial no procedimento assimilado, baseada na busca de um novo procedimento para atuar, que pode ser vinculada à formulação de suposições, hipóteses e demonstração, mas também mediante a conjectura, o procedimento intuitivo, heurístico, ambos voltados à comprovação da solução.

Tal forma de pensar deveria se constituir, segundo Majmutov (1983), no objetivo de qualquer escola, uma vez que possibilita ao indivíduo construir uma série de procedimentos e ações de busca que permite atuar em diferentes situações, independentemente da necessidade de contar com um grande número de dados e informações presentes na memória, que, na maioria das vezes se prestam apenas a resolução de tarefas simples e casos particulares.

Essa forma de pensamento, ativo, independente e criativo, permite ao indivíduo

transitar de casos gerais a particulares e destes para aqueles, possibilitando a resolução de um leque de situações simples ou complexas, em uma série de contextos diversificados.

7. Considerações Gerais

A partir das considerações e formulações dos estudos apresentados nesta revisão, pode-se perceber que a criatividade e os processos criativos, constituem-se em um vasto campo de investigação, envolvendo, não somente aspectos educacionais, mas estéticos, éticos, teóricos, epistemológicos e ontológicos, uma vez que se conduzem aos âmbitos mais diversos da vida humana.

Caracteriza-se por uma busca exploratória e descritiva de aspectos relacionados tanto ao indivíduo em particular, quanto ao meio em que ele está inserido. Relaciona-se com aspectos sociais, culturais e educacionais das mais diversas ordens.

Entende-se, sobretudo, com esta revisão, que a criatividade e os processos criativos, são responsáveis pelo desenvolvimento do conhecimento em todas as áreas, desde a vida pessoal do indivíduo quanto ao desenvolvimento da ciência, da arte, da técnica, da sociedade como um todo.

Pensar criativamente, nesse sentido, representa a possibilidade de elevação da capacidade humana de ser e de estar no mundo, contribuindo para a superação da visão dualista, estática, hermética. Abrindo novos caminhos para novas compreensões e novos modos de ser e de viver.

Referências

ALENCAR, Eunice M.L.Soriano; BRUNO-FARIA, Maria de Fátima; et al. **Medidas de Criatividade: Teoria e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ASH, S. E. **Studies of Independence and submission to Group Pressure**. Swartmore, Pa: Swartmore College, 1955.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MAJMUTOV, M.I. **La Enseñanza Problémica**. Playa – Ciudad de la Habana, Editorial Pueblo y Educación, 1983.

OSTOWER, Fayga. **Criatividade e processos criativos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PICHÓN-RIVIÈRE, Enrique. **O processo de criação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

STERN, G.C. **Preliminary Manual: Activities Index and College Characteristics Index**. Syracuse, Nova York: Psychological Research Center, Syracuse University, 1958.

TORRANCE, E. Paul. **Criatividade: Medidas, testes e avaliações**. São Paulo: IBRASA, 1976.